

O que é que as crianças fazem na Internet?
Como, porquê e para quê utilizam os media e a Internet?
Existirá motivos para o receio dos adultos?
Este é um livro pioneiro nesta área de investigação em Portugal; desenvolve uma aproximação ao conhecimento sobre o que é que as crianças fazem na Internet, o que procuram, o que partilham, o que aprendem, quais as formas e com quem estabelecem interacções, bem como de que modo se está a processar a inclusão da Internet no(s) mundo(s) da infância e as transformações que está a provocar.

A partir da análise da sociedade contemporânea e da globalização como fenómeno social, inicia-se aqui o estudo da compreensão da dimensão interactiva Criança - Internet.

A autora, Marlene Barra, é mestre em Sociologia da Infância pela Universidade do Minho



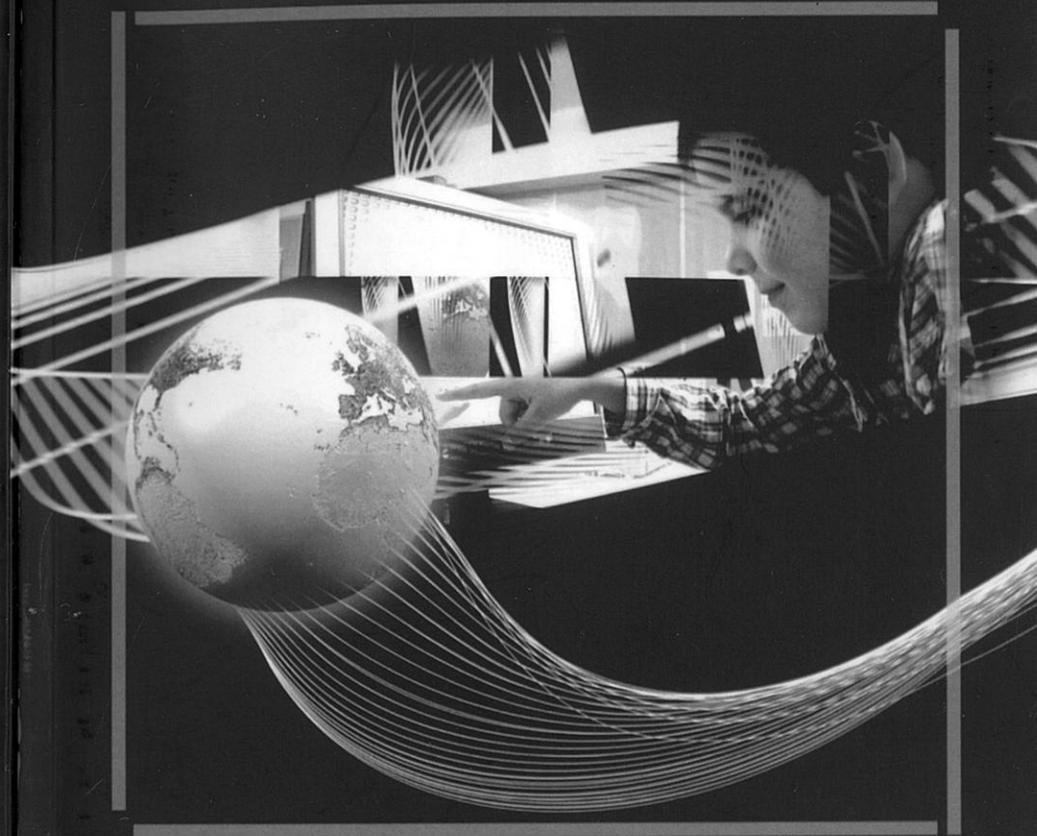
INFÂNCIA E INTERNET - INTERACÇÕES NA REDE

Marlene Barra



Infância e Internet

Interacções na Rede



Marlene Barra



PREFÁCIO

Este é um livro singular.

Desde logo, pelo tema que aborda. A interacção de crianças e jovens na Internet permanece, ainda hoje, um objecto mobilizador de mais receios e inquietações do que de uma compreensão assente num conhecimento efectivo sobre o que as crianças efectivamente fazem quando utilizam os computadores e se propõem comunicar através deles.

Partindo para a análise de práticas interactivas de crianças com e através da Internet, a autora renuncia à partida a quaisquer ideias preconceituosas e a qualquer atitude paternalista que a levasse a procurar surpreender o interdito na relação das crianças com o mundo vulgarmente apresentado como semeado de alçapões de perversidade nas “auto-estradas da informação”. Do mesmo modo, também a linguagem encantatória que recobre a comunicação via Internet de possibilidades emancipadoras, no cenário de uma “sociedade do conhecimento”, encontra pouco eco na atitude perscrutadora da autora sobre as práticas efectivas das crianças quando “viajam” nos ecrãs das redes de informação. Pelo contrário: mais do que surpreender o perigo ou a exaltação nas interacções das crianças nas redes informáticas, é a autora que se deixa surpreender pela variedade de situações, de práticas e de linguagens que os mais jovens concretizam quando se conectam.

A Internet está aí. A sua entrada no quotidiano dos portugueses é uma realidade crescente, ainda que também ela se encontre atravessada pelas contradições e desigualdades sociais que ocorrem em todas as esferas da vida colectiva. A sua disseminação veio alterar processos de trabalho, condicionar – ampliando e enquadrando em novos parâmetros – as relações interindividuais, promover novas formas de aprendizagem, introduzir outros hábitos, novas temporalidades e espacialidades nas

interacções sociais. Não obstante, não é de uma variável independente que falamos, quando nos referimos ao “poder” da Internet: as conexões através das redes informáticas e telemáticas potenciam e formatam relações sociais que se inscrevem em estruturas mais fundas, as quais dizem respeito aos sistemas económicos, políticos e simbólicos que regem a sociedade. Esses sistemas não foram nem são alterados pela Internet, ainda que nela encontrem modos novos de expressão e expansão. O que se encontra em causa é o de perceber como as pessoas, enquanto membros da sociedade (os *actores sociais*, portanto, para utilizar a gíria corrente nas ciências sociais), intervêm e actuam nas “sociedades de rede” e nessa sua actuação concretizam os seus laços de pertença a grupos sociais específicos. O livro “Interacções na Rede” selecciona um desses grupos, a partir do campo teórico definido pela Sociologia da Infância: o das crianças, como membros integrantes da geração mais nova. E aí encontra, antes de tudo o mais... crianças, não “utentes” da Net ou “beneficiários” das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Isto vale por dizer que a autora conversou, entrevistou e observou crianças, que no contacto com a Internet se portaram como é esperável que se comportem as crianças: brincaram seriamente, aprenderam maduramente quando era para aprender, contactaram umas com as outras, zangaram-se e enfatiaram-se por vezes, tiveram o computador como amigo, conversaram com ele, pediram-lhe apoio, ludibriaram-no, zangaram-se com a sua mudez, ou inquietaram-se com a sua lentidão, divertiram-se à brava...

As crianças projectam em todos os seus mundos de vida aquilo que constitui o cerne das suas culturas. Fazem-no com a diferença de uma geração que ainda tem todo o tempo do mundo para viver; fazem-no, nos modos distintos em que as crianças como grupo geracional (também) se subdividem: como rapazes ou como raparigas, como pertencentes aos subgrupos etários dos mais novos ou dos mais velhos; como pertencentes a classes sociais como mais ou menos rendimento disponível; como alunos, como sócios de clubes, como membros da família, como seres sociais integrantes de vários papéis e estatutos sociais, em suma...

Com uma diferença substancial, no entanto, em relação a outros contextos de vida: as crianças são frequentemente mais competentes no uso das TIC do que os adultos, não se constroem perante o desconhecido que espregueia para lá do monitor, antes o desafiam, procurando sempre mais e mais tirar todo o partido que o seu prazer

(que é também um prazer de descoberta e de conhecimento) lhes exige. Esta ideia de crianças competentes num domínio cultivado e considerado pelos adultos configura uma inversão nas relações intergeracionais que não vai sem consequências: a competência das crianças abre uma brecha na forma tradicional pela qual se tem legitimado a dominação adulta – a crença na inamovível superioridade destes. Que se trata de uma crença apenas, e por isso errónea em boa parte do seu conteúdo, atesta-o precisamente este domínio da acção humana (o uso das TIC) que tão diversificadas e complexas destrezas e capacidades põe em jogo: inteligência na interpretação das mensagens e na descoberta das potencialidades existentes; confronto com dificuldades e sua superação; agilidade na tomada de decisões perante várias possibilidades; sentido relacional e competência comunicativa com desconhecidos; manuseio técnico de dispositivos, frequentemente com instruções escassas e tantas vezes dadas numa língua desconhecida; intuição e rapidez de raciocínio, etc.

A partir de uma metodologia que não se preocupou fundamentalmente em procurar a regularidade e a invariância, mas ao invés, em detectar o pormenor mobilizador de uma reflexão indagadora, com um dispositivo observacional e de registo atento, fino e insaciavelmente curioso, tendo, no entanto, sempre preocupação com o sentido ético da sua observação e da sua escuta, a autora identificou uma série de situações (os “episódios”) que na sua estrutura narrativa, transmitem uma imagem viva, colorida e sonora dos modos como as crianças se apropriam das TIC, as fazem um artefacto ao lado de outros integrantes das formas que compõem a morfologia das suas gramáticas culturais, e as incorporam nos seus modos de interpretar e dar sentido ao mundo.

A autora só pôde transmitir-nos imagens vivas tão permeáveis ao real porque partiu para a sua observação com uma arquitectura conceptual solidamente construída, consistente e abrangente. A teoria, que é sintetizada, revista e exposta na primeira parte do livro, não funciona, neste caso (como tantas vezes acontece), como o princípio gerador de uma empiria meramente documental e ilustrativa; tão pouco se apresenta como a fonte de possibilidades que se trataria de esclarecer e comprovar pelo confronto com o “real”. A teoria permite recusar um olhar *naiif* sobre o real, impõe a recusa de qualquer neutralidade e, nesse sentido, guia a observação e a escuta, “cria” a referência, porque a delimita, ao incluir o que considera relevante e ao excluir o que não o é. Porém, ao

reflectir sobre si própria – num esforço de reflexividade que é também uma forma de consciencialização do estatuto e responsabilidade social da ciência e do cientista que a pratica – dá-se conta dos seus próprios impasses e aporias, do carácter fragmentário que a habita e dos limites do discurso em circunscrever a complexidade da vida social. Frequentemente encontramos no texto interrogações às propostas teóricas pela sua falta de plasticidade para dar conta do vivido. Outras vezes, é o registo que permite ampliar a reflexão e incorporar um conhecimento que ganha agora espessura e encontra o lugar da sua pertinência.

O livro ilustra, documenta e interpreta. E deixa outras interrogações para serem respondidas noutros trabalhos. Por exemplo: Que códigos são esses que alteram o padrão linguístico e se configuram como uma língua ágil na comunicação à distância?; quais os seus critérios de padronização?; como se dissemina e estabiliza o seu uso? Qual é a pragmática comunicativa nos *chats* de conversação, onde a interlocução múltipla nem por isso exclui a possibilidade colectivamente observável de comunicações mais “clássicas” entre dois interlocutores que se atraem digitalmente pelas conexões electrónicas? Será que as crianças e os jovens se distinguem geracionalmente entre si e se distinguem globalmente dos adultos nos modos como se apropriam da Internet? Estas questões encontram no livro não ainda as respostas, mas pistas de reflexão que, sendo percorridas, poderão ser muito úteis no avanço do conhecimento.

Este é, com efeito, um livro singular. Pelo tema. Pela metodologia. Pelas respostas que nos dá. Pelas questões que nos levanta. Mas, sobretudo, pela surpresa de redescobrirmos as crianças (tão ocultas actualmente pela intensidade ofuscante da luz que sobre elas – ou sobre os seus fantasmas, projectam os media...) e, com elas, redesenharmos o nosso conhecimento do mundo.

Manuel Jacinto Sarmiento*

* Professor Associado no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho. É autor de vários livros e artigos nas áreas de Sociologia da Infância e Sociologia das Organizações Educativas.